Rituais Em Tempo Real:
Observando a passagem entre suportes literários em três compilações de contos[1]

Francisco Slade[2]

Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A proposta do trabalho é a de, por meio da análise de três recentes (2004 e 2005) antologias de contos reunindo basicamente novos autores – muitos saídos da rede para o suporte impresso –, enxergar e talvez isolar traços estéticos e temáticos comuns a esses autores e que possivelmente os distingam dos autores também presentes nessas publicações que não vêm da *net* e que, apontando também para uma distinção entre seus textos anteriores e posteriores à transição para o meio impresso, possam ser identificados como indicadores das especificidades da net como suporte de sua proveniência ou de uma reformatação necessária à passagem para o meio impresso.

Palavras-chave

Autor; blog; internet; livro; validação.

Corpo do trabalho

1. **Introdução**

> "A alta rotatividade constitui necessariamente um mercado do esperado: mesmo o 'audacioso', o 'escandaloso', o estranho, etc., são moldados segundo as formas previstas do mercado. As condições da criação literária, que só podem se liberar no inesperado, na rotação lenta e na difusão progressiva, são frágeis."[3]

Pela concisão, pela abrangência, pela clareza e, sobretudo, pela pertinência, a declaração de Gilles Deleuze me parece ideal para o início dessa introdução.

Foi durante a fase de publicação do meu primeiro romance – processo que se estendeu, do envio dos primeiros originais à chegada às livrarias, por um ano – que comecei a pensar em pesquisar a influência que a dificuldade para penetrar na *roda* editorial poderia ter sobre os novos autores; até que ponto ela poderia funcionar como um mecanismo de cerceamento? Tal dificuldade orientaria o desenvolvimento das obras

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom
[2] Mestrando em Comunicação, Linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas, ECO-UFRJ.
[3] DELEUZE, Gilles. Conversações, 1972 – 1990. Ed. 34, 1992.

literárias? Mais importante: em que medida o que acontece é *fortuito* ou um instrumento de *controle* do discurso?

Num dado momento do processo de publicação do livro, fui introduzido, por um dos editores com quem conversei, ao universo dos *weblogs* – blogs, como são geralmente chamados – e das *revistas eletrônicas*; por essa via, tomei conhecimento de novos autores que como eu tentavam publicar seu trabalho, e dessa nova possibilidade de suporte literário, no qual esses mesmos autores encontravam uma alternativa para, minimamente, fazer circular o que escreviam.

Depois de uma pesquisa intensiva, na qual conheci revistas eletrônicas e cerca de *quinhentos* blogs (entre diários virtuais e uma minoria de *blogs literários*), identifiquei e separei páginas (*sites*) que interessavam à questão, bem como novos autores – que escreviam na rede, que passavam ao suporte impresso ou que, sem relação com a internet, debutavam no mercado editorial tradicional.

Criei então meu próprio blog, com o intuito de aprender com a nova experiência e de divulgar meu livro. Percebi que, de muitas formas, ser um *blogueiro* abria menos portas do que fechava. E não se tratava unicamente das oportunidades de um autor passar para o suporte impresso, legitimação tradicional do discurso em literatura: existe uma visão – por parte do mercado editorial – bastante coercitiva da internet que nega sua potência como novo meio de difusão literária, funcionando, no máximo, como um meio onde editoras podem *colher* novos autores.

Acredito no seguinte paralelo: pensemos na trajetória da pintura; em como, depois de se aprofundar ao máximo na perspectiva, ela começa a valorizar a pincelada, as texturas e o gesto até chegar novamente à superfície da tela e, então, saltar dali à tridimensionalidade das instalações. Assim enxergo o momento por que passa a literatura. A rede pode funcionar como uma *extrapolação* do suporte do livro – um movimento, independentemente de quaisquer prós e contras, de julgamentos de valor.

Pensando em "A ordem do discurso", de Michel Foucault – e, por meio dessa aula, em vários conceitos fundamentais da obra de Foucault – é impressionante o quanto certas noções do filósofo a respeito do surgimento, do desenvolvimento, da rarefação e mesmo da definição do discurso são pertinentes à discussão do reconhecimento da rede como suporte literário *válido*.

Por outro lado, "A ordem do discurso" também traz questionamentos tão essenciais ao tema como, arriscando o neologismo, seus "complexadores"; a problemática de controle do discurso passa necessariamente por uma discussão sobre

seu aparecimento, o que colocaria em estudo, dentre outras, a própria noção de *autor*; nas palavras de Foucault,

> "tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador sem levar em consideração sua função restritiva e coercitiva."[4]

Em sua passagem pela Feira Literária Internacional de Parati (FLIP) de 2004, Margaret Atwood, escritora canadense autora de mais de vinte e cinco livros publicados em vinte e cinco países, mesmo com tão impressionante aposto, mostrou ainda conhecer a situação de quem se encontra do outro lado da barreira da publicação e a confirmou como ponto médio de uma dicotomia decisiva para um escritor ao delimitar de forma precisa o quadro com uma anedota.

Nela, um escritor morto chega ao purgatório e toma conhecimento de que haveria um paraíso e um inferno exclusivos para aqueles de seu ofício; enquanto não era resolvido que destino teria, ele pede ao responsável pelo caso para dar uma olhadinha em ambos, antes de ficar definitivamente preso a algum deles. Dirigem-se a uma porta. "Esse é o inferno dos escritores", diz o encarregado abrindo-a e mostrando ao homem uma graaande sala onde estão milhares de escrivaninhas com computadores; diante de cada uma delas está um escritor; enquanto escrevem, eles bebem, se drogam, fumam; alguns têm ataques de angústia ou ansiedade, alguns, de criatividade. Então dirigem-se a outra porta: "E agora, esse é o paraíso". Vista a perplexidade do recém-chegado diante da mesmíssima cena, o outro explica: "Esses aqui foram publicados".

A divertida ilustração, ao meu ver, se presta a várias camadas do assunto. Em especial porque, diegeticamente, explicita o papel definidor da publicação como meio de validação para o autor. Por outro lado, faltaria à piada mostrar o quanto a questão da publicação pode ser atuante, não no processo de criação de um escritor, mas como possível formatadora ou norteadora do *produto* dessa criação – a própria literatura.

Evidentemente, não há julgamento de valor a priori quanto ao reconhecimento como premissa da ação de tais rotinas; se digo que há recondução de elementos atuantes no discurso pela anedota ou que há um agente orientador do mesmo – em sua formulação especificamente literária –, os enxergo apenas como movimentos, linhas de força cujo vetor resultante precisa ser observado.

[4] FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Loyola, 10ª ed., 2004

Fazendo um esforço para permanecer no universo de Atwood e levar adiante a ilustração, digamos que, em ambas as salas, todos os computadores estivessem conectados à internet; provavelmente, seguindo a lógica corrente, nada ou muito pouco mudaria: os já publicados, caso se interessassem, encontrariam ainda mais espaço e afirmação de seu trabalho na rede, fazendo exatamente o mesmo que já faziam; os não-publicados talvez utilizassem a oportunidade para levar seus textos ao público, mas isso não mudaria sua situação, pois eles continuariam à margem de uma validação – ao menos tradicional.

Aliás, caso algum novo escritor decidisse usar unicamente a rede como suporte para o que escreve, poderia ele vir a ser reconhecido como tal? É improvável. A publicação torna-se uma porta obrigatória para o reconhecimento do indivíduo que escreve como *verdadeiro* escritor.

Recorrendo a Foucault ("Penso na maneira como a literatura teve que buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro"[5]), é possível compreender que, concomitantemente, as próprias regras que determinam o que é *publicável* não são estáticas, embora certamente sejam rígidas; elas são a tradução de demandas mercadológicas e sociais (e portanto históricas), por sua vez conduzidas e reconduzidas por instâncias maiores de poder por meio daquilo que o filósofo chama de *microfísica do poder*, noção intimamente ligada ao controle do discurso.

Voltamos à idéia do tal "mercado do esperado" e de seus paradigmas previstos, defendida por Deleuze na epígrafe do início desta introdução. A primeira questão que gostaria de abordar seria a seguinte: o ofício literário contemporâneo é encarado como uma disciplina de estatutos ampla e permanentemente reatualizados, não por um conjunto teórico, mas por uma lógica de mercado; assim, de que forma a literatura produzida primeiramente na internet se ajusta ou poderá se adequar a essa disciplina?

Além disso, para o autor, a publicação é, ainda hoje e talvez mais do que nunca, uma necessidade ritual, certa espécie de *ato de passagem* para o ofício de escritor. Terá ele – ainda que na figura de seu estilo – também que se formatar ao experimentar essa passagem ou mesmo para poder pretendê-la?

Foucault observa que:

[5] FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Loyola, 10ª ed., 2004

> "Todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exige que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade do texto posta sob seu nome […]"[6].

Assim, será que o fato de ter os escritos publicados e sua necessidade ritual são considerados como avalizadores da responsabilidade ou capacidade de um indivíduo de responder por um texto, do reconhecimento de sua unidade autoral, para ele mesmo, para a *disciplina da literatura* e para o público? E, para poder almejar essa responsabilidade, passaria então o autor vindo da rede por qualquer forçosa mudança?

"É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor tenha lugar em uma 'sociedade de discurso', difusa talvez, mas certamente coercitiva."[7] E esta é outra noção fundamental para essa apresentação, talvez a mais atuante quanto à problemática do reconhecimento da internet como suporte.

Bem como em outros tempos um acontecimento de ordem tecnológica – o advento dos tipos móveis – possibilitou uma enorme popularização da literatura, pode-se imaginar, com a internet, um paralelo em que se tenha popularizado não só o consumo mas a possibilidade de produção da literatura; mas, caracterizando a coerção de uma *sociedade de discurso* – bem como não esquecendo as linhas de força exercidas pela *disciplina da literatura* e pelo *ritual do escritor* –, "nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis" e essa possibilidade acaba restringida, controlada e mesmo negada, apontando como age todo esse sistema que se desenha face às novas tecnologias de comunicação e à inserção em seus *quadros* de novos membros trazidos à tona por elas. Recorro ainda uma vez a Foucault e a Deleuze:

> "O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário, mesmo difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? Que é uma 'escritura' (a dos 'escritores') senão um sistema semelhante de sujeição, que toma formas um pouco diferentes, mas cujos grandes planos são análogos?" [8]

[6] FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Loyola, 10ª ed., 2004
[7] Idem

[8] Idem

> "Os Beckett ou os Kafka do futuro, que justamente não se assemelham nem a Beckett nem a Kafka, correm o risco de não encontrar editor, sem que ninguém o perceba por definição."[9]

Tendo em conta tais proposições, pergunto: o desejo de sobrepujar o tempo, de estender-se à vida, leva o escritor a uma necessidade de validação e à conseqüente aceitação de um *sistema de sujeição*, como visto por Foucault? Como isso se manifesta objetivamente?

Esperando não ter sido abrangente ou cansativo demais na apresentação geral do sistema – ou poderia chamar *ambiente*? – de pensamento que motiva este trabalho, proponho debruçar-me, neste primeiro momento, sobre uma questão mais restrita, de fundo prioritariamente estético e temático; analisando três recentes (2004 e 2005) antologias de contos reunindo basicamente novos autores – muitos saídos da rede para o suporte impresso –, espero enxergar e talvez isolar traços comuns a esses autores, traços que possivelmente os distingam dos autores também presentes nessas publicações que não vêm da *net* e que, apontando também para uma distinção entre seus textos anteriores e posteriores à transição para o meio impresso, possam ser identificados como indicadores das especificidades da net como suporte de sua proveniência ou de uma reformatação necessária à passagem para o meio impresso.

2. **Por que essas fontes?**

Os livros observados, todos antologias de contos, são, por ordem de publicação, "Prosas cariocas" (2004), "Paralelos" (2004), e "Dentro de um livro" (2005) (ver bibliografia). Os dois primeiros reúnem exclusivamente novos autores, alguns estreantes; o terceiro conta também com autores já consagrados – o que favorece comparações em muitos âmbitos.

Tais livros foram escolhidos por darem um panorama extremamente atual sobre a discussão a que me propus, por abranger uma larga gama de escritores diferentes, vindos ou não da Internet, e por alguns dos autores estarem presentes nas três publicações, o que permite uma visão correlativa de seus escritos em suporte impresso.

Apesar de que, a princípio, a busca de traços comuns na escrita dos escritores egressos da internet possa parecer uma busca pelo estabelecimento de um paradigma,

[9] DELEUZE, Gilles. Conversações, 1972 – 1990. Ed. 34, 1992

não é essa a intenção aqui; uma preocupação paradigmatizante, além de me parecer mais próxima a um trabalho guiado pela ótica de um estudo em *Letras*, seria paradoxal quando justamente há uma observação do quanto a identificação de paradigmas pode ser uma lógica do funcionamento mercadológico da circulação da literatura hoje e de como isso pode ser prejudicial para o aparecimento de novas vozes e suportes literários. A tentativa, antes, é tão somente a de enxergar elementos presentes – ou ausentes, pensando em contraste – nas obras dos autores observados que possam caracterizar alguma necessidade de adaptação – de *coerção* indireta? – ou quaisquer outras 'marcas' do processo da mudança de suporte de discurso, e não a de formar um quadro, seja ele estático ou atualizável, do que seria uma '*nova literatura*' ou uma '*nova geração de autores*'.

Também, como suporte à pesquisa, foram observados os *sites* da rede (blogs e revistas eletrônicas) onde os autores escreviam antes ou escrevem paralelamente à publicação convencional, bem como outros trabalhos individuais que tenham publicado em meio impresso (ver bibliografia).

3. **Os livros e suas propostas**

Arrisco-me aqui a uma reduzida apresentação dos títulos observados, algo apenas para ilustrar semelhanças e diferenças entre suas pretensões e para explicitar números que possam ser úteis ao trabalho.

a) *Prosas cariocas* – O volume se propõe apresentar "literatura que se escreve com as pernas e, às vezes, em cima da perna de tão à vontade. É uma literatura de personagens que não precisam parar pra pensar, que pensam andando, porque o Rio convida a isso."[10]

O livro traz dezessete autores da *novíssima geração*, muitos estreantes em livro. Deles, oito escrevem ou escreveram regularmente na rede – em blogs ou revistas eletrônicas – ou estiveram envolvidos na criação e/ou gestão de páginas dedicadas à literatura nesse suporte.

b) *Paralelos* – Nascido e organizado na internet, "Paralelos é o resultado de um movimento de articulação de jovens escritores e interessados por literatura de todo o país. Em livro ou no site www.paralelos.org, o objetivo é promover conexões entre seus

[10] CASTRO, Ruy. Prosas cariocas. Casa da Palavra, 1ª ed., 2004

pares, cruzar idéias e servir como vitrine de novos talentos literários para um número cada vez maior de leitores. Paralelos pretende rimar 'tornar público' com 'formar público'", diz a nota de abertura do livro. Tenciona introduzir autores "acostumados a escrever por escrever, e principalmente a exercitarem-se experimentalmente na internet"[11], trazendo textos que "não foram originalmente produzidos para figurar em antologias ou para um livro *especificamente*".[12]

Novamente, dezessete novos autores são apresentados; contudo, aqui, apenas quatro deles não têm ligação a priori com a rede como meio de expressão literária.

c) *Dentro de um livro* – "Na nossa prateleira tentamos reunir nomes novos e não-novos, de diferentes cantos", diz o editorial, que defende a intenção de, com os textos daqueles, "sustentar nosso [dos editores] *vício*; fazer *livros* – ler, colecionar, entrar neles".[13]

Mais uma vez, dezessete nomes são trazidos ao leitor. Porém, nesta publicação, há uma maior heterogeneidade na escolha dos contistas; mesmo que a esmagadora maioria seja de novos autores, apenas seis vêm da net; além disso, há contos de autores "não-novos" e já consagrados, como Lygia Fagundes Telles e Luis Fernando Veríssimo, ainda que em material republicado.

4. **Leitura**

Seguindo a proposta do trabalho de analisar estética para então tentar sedimentar relações e configurações de sistemas atuantes mais profundos, tentarei cruzar os três livros para apontar semelhanças estilísticas ligadas à migração de suportes e meios.

Há que observar os traços que individualizam ou unem as três antologias. Antes de mais nada, me parece pertinente pensar sobre os grupos de autores cujos textos compõem esses livros. Não tenciono, aqui, tentar dissecar as intenções que possam ter tido os editores ao desenhar cada um desses grupos, deixando qualquer primeira interpretação ligada aos textos de suas respectivas apresentações transcritos no item anterior. Passo então a analisar os resultados de tais escolhas; nos dois primeiros livros – convencionemos pensar sempre em ordem cronológica – os autores são da geração de 1970 e as pouquíssimas exceções são de pessoas nascidas nas décadas imediatamente

[11] SALES, Augusto, GONÇALVES, Jaime. *Paralelos*. Agir, 1ª ed., 2004 [grifos meus]
[12] Idem
[13] EDITORIAL. *Dentro de um livro*. Casa da Palavra, 1ª ed., 2005 [grifos meus]

anterior ou posterior. Na outra coletânea, há uma grande variedade de faixas etárias, havendo autores nascidos entre as décadas de 1920 e 1970.

Quanto à procedência, nos dois livros há a quase unanimidade de autores cariocas; quando não, são autores radicados no Rio de Janeiro. No terceiro encontramos autores de todo o país e ainda um autor de Angola.

O outro aspecto que faz-se relevante para comentário é a questão já vista no item anterior, referente a terem ou não os autores vindo da internet. Novamente, voltamos a ver uma maior similaridade entre "Prosas cariocas" e "Paralelos", nos quais quase todos os selecionados escreviam na rede. E, outra vez, em "Dentro de um livro", isso não seria um traço de semelhança entre os escritores.

Finalmente, quanto à consagração e ao reconhecimento por parte da equação mercado-público-crítica – não importando tanto aqui que suas variáveis atuem de formas diversas e que, até por isso, seus resultados sejam diferentes para cada caso –, volta a se desenhar o laço entre as duas primeiras obras – em que temos autores novos ou estreantes – e o contraste em relação à terceira; nessa há estreantes, autores novos mas já em sua quarta ou quinta publicação impressa, autores já firmados e algo reconhecidos e autores consagrados.

Voltando a Foucault ("é provável que não se possa explicar seu [do autor] papel positivo e multiplicador sem levar em consideração sua função restritiva e coercitiva"), espero, tendo esboçado estas correlações entre os quarenta autores observados, poder discernir o quanto tal quadro seria *restritivo* – no sentido de circunscrever –, ou não, atuando no caráter estético dos textos e determinando linhas comuns no trabalho dos autores vindos do suporte rede. Assim, ao enxergar quaisquer semelhanças nos textos, procurarei separar o que poderia estar ligado a outras características comuns aos autores que não a relação com a internet ou a mudança de suportes.

Todos os cinqüenta e um contos lidos são bem pouco extensos, sendo raros os que ultrapassam dez páginas. Apesar de essa certamente ser uma característica muito presente na rede (tanto os relatos pessoais quanto os contos achados na rede, mesmo em revistas eletrônicas, costumam ser curtos, pois o tempo de leitura na rede é menor que em suporte impresso – pesquisas defendem que isso acontece devido não só ao desconforto de ler na tela e à resolução dos monitores convencionais, mas à natureza da absorção de informação durante a navegação[14] – e, assim, os *blogueiros*, como também

[14] *"Reading from computer screens is about 25% slower than reading from paper. [...] As a result,*

leitores de blog, evitam que seus próprios textos sejam extensos, sabendo que isso reduz em muito o número de seus potenciais leitores), não acredito que seja possível considerá-la necessariamente como nascendo daí. Prova disso é que mesmo os contos de autores não-vindos da rede ou dos autores republicados são curtos. É provável que isso aconteça por causa do número de autores por compilação. Claro que, de qualquer maneira, isso seria uma determinação editorial. A questão que se desenha então é: teriam os autores vindos da net escrito textos maiores caso tivessem a opção de fazê-lo? Correndo o risco de formular um falso silogismo, arrisco-me a dizer que, ao menos nesse momento, e em se tratando de contos, não: uma vez que a maior parte da obra da maioria destes autores foi escrita e está disponível na rede – na forma de relatos pessoais, crônicas e contos curtos (ver bibliografia) – e que, mesmo os que já têm várias publicações impressas escreveram apenas coletâneas de contos também curtos ou romances divididos em narrativas curtas e fragmentadas (novamente, ver bibliografia), é de se presumir que o formato em que os autores analisados se sintam confortáveis, por ora – já que essa *transição* é um processo, um movimento e não pode ser observada senão como *work in progress* –, seja mesmo reduzido.

A segunda característica a ser ressaltada, embora não seja uma regra, é justamente a fragmentação. Não somente a fragmentação tempo/sujeito – que, ademais, é vista entre os críticos como tendência ou sintoma presentes na literatura feita hoje de modo geral e, portanto, não me cabe, aqui, discutir –, mas a fragmentação do próprio corpo do texto, remetendo à estrutura de *posts* – forma com que os textos são publicados e lidos nos blogs – presente, de modo geral, na literatura existente na rede. Intimamente ligada à questão da curteza dos contos, essa fragmentação, embora não seja propriamente uma novidade, me parece uma diferença, ao menos nesses livros e autores estudados, que separaria os contos curtos de autores vindos e não-vindos da internet.

Uma terceira característica, um tanto óbvia, que traz a presença da rede em certos textos, é a referência a meios de comunicação nascidos na rede como *e-mails* e *instant messengers*; muitas vezes, ocorrem emulações ou apresentações de textos trocados por tais meios. Transcrições de conversas por rede e de relatos '*e-epistolares*' também reforçam o caráter fragmentado do texto, algumas vezes resumindo tempo e

---

people don't want to read a lot of text from computer screens [...]."

"*We have derived three main content-oriented conclusions from our four years' of Web usability studies: users do not read on the Web; instead they scan the pages, trying to pick out a few sentences or even parts of sentences to get the information they want; users do not like long, scrolling pages: they prefer the text to be short and to the point; users detest anything that seems like marketing fluff or overly hyped language and prefer factual information.*" [NIELSEN, Jakob. *Designing Web Usability: The Practice of Simplicity. New Riders Publishing*, 2000]

ações das personagens. Apesar de este recurso ser mais encontrado nos blogs dos autores observados, há casos em que identificamos nos contos nos livros.

Cruzados esses dois aspectos, as narrativas por vezes tomam forma de notas, de diários, de micro-narrativas dispersas ou mesmo de posts, lembrando a apresentação dos textos na rede.

5. **A temática como estética**

Para prosseguir nesta apreciação é preciso observar como alguns elementos formais influenciam no conteúdo tanto dos blogs quanto dos contos que compõem os três livros analisados, e como pensar sobre a temática pode estabelecer o principal indício de ligação dos autores provenientes da rede com esse suporte.

Esses elementos são aqui a *pessoa* em que os contos são narrados, a passagem do *tempo* que se desenvolve durante as narrativas – e não o tempo em que estas se passam – e, em certo grau, a *coloquialidade* do discurso apresentado.

Mesmo quando tratam de personagens distantes de suas realidades – seja em gênero, classe social, faixa etária, âmbito profissional, nível cultural ou em quaisquer outras instâncias –, faz-se notar, nos textos dos autores vindos da net, a preferência pela primeira pessoa do singular.

Quanto à passagem do tempo, esta é entrecortada, seccionada em blocos – muitas vezes sem ação ou diálogos e apenas representadas em fluxo de pensamento ou em descrição sucinta de sensações – e em conformidade com a fragmentação do corpo do texto. Mesmo em narrativas lineares, surgem pequenos '*coágulos de tempo*' ou '*blocos narrativos*' menores que partem o desenvolvimento dos contos em dias, horas, lembranças ou ações que, em muitos casos, poderiam até mesmo funcionar isoladamente. Por vezes, nem há uma narrativa específica interligando todas essas partes. Isso também remete à relação entre os posts em um blog – cada post é publicado com data e hora e, mesmo quando mais de um é publicado por dia, há essa separação temporal. Além disso, eles podem ser enxergados tanto como um conjunto com sentido – principalmente se encarados em perspectiva cronológica – quanto como textos independentes (ver blogs citados na bibliografia).

No que se refere à coloquialidade, ela não é norma, mas é curioso perceber que, mesmo nos relatos mais formais, ela por vezes desponta numa quebra de frase, num suspiro qualquer do texto ("E eu falei e falei, longamente. Sem demonstrações de

inteligência nem cabecismos rococós, típicos dos desafortunados de espírito. Nós rimos e falamos, sobretudo, merda."[15]), resultando numa mescla do formal e do coloquial. Isso pode estar ligado à natureza dos blogs, onde, em seus relatos, mesmo quando literários, os autores parecem estar mais confortáveis, mais à vontade.

É mais do que claro que estes três fatores, mesmo em conjunto, não são suficientes para apontar, sozinhos, traços de especificidade da internet como suporte original de publicação. No entanto é em *como* tais fatores agem, em concordância, na formação de narrativas – ou de aglomerações de impressões – confessionais, intimistas, sem disfarces e, tantas vezes, mesmo *narcisistas*; textos onde, não raro, não há personagens, não há criação nem concatenação de outras vozes, mas somente o autor, exposto em seu próprio nome, claramente presente.

Esse tipo de relato é diretamente ligado à natureza daqueles achados nos blogs e a própria origem dos blogs como diários *on-line* pode ser vista como determinante, em alguns casos, de uma narrativa extremamente pessoal – chegando, efetivamente, à forma de diário.

Discussões à parte, diários também não são novidade em literatura. O que chama atenção nesses contos é como eles, mesmo em comparação a diários, mesmo dentro de parâmetros confessionais, são auto-centrados, exercícios de auto-contemplação e desnudamento do eu. Em certa medida, não seria exagero fazer um paralelo entre esta forma de *se narrar* e os *reality shows* da tevê; reality shows onde poderíamos ver personagens e, ainda que sob alguma dissimulação, por vezes, o autor encarnado nele mesmo.

6. **Foco**

Depois de tratar de todos livros e autores em conjunto, tentarei fechar um pouco mais o foco deste estudo para, assim, procurar traçar uma *dinâmica*, uma *progressão* – sem o sentido de evolução, mas sim o de seqüência lógica –, se assim for possível, de autores que estão vivendo *agora* a passagem para o suporte impresso – ou a sedimentação nele – e que ainda estão presentes na rede.

[15] PELLEGRINO, Antonia. Estética, in Dentro de um livro. Casa da Palavra, 1ª ed., 2005

Para tanto, separei três autores presentes na internet há bastante tempo e que figuram nas três publicações de que trato aqui. São eles Cecília Giannetti, Antonia Pellegrino e João Paulo Cuenca – que também tem um romance publicado.

Nos nove contos desses autores espalhados pelos três livros em questão, estão presentes e claros todos os elementos observados nos itens anteriores. De fato, é possível tomá-los como espinha dorsal do estudo pois eles reúnem todas as características apontadas até aqui de forma bastante ilustrativa.

Reproduzo aqui alguns trechos escolhidos de seus contos que são bastante significativos de tudo que foi exposto anteriormente:

> "Quem foi criança e filho de doidão nos anos 80 viu pó, santo daime, uísque, maconha, shortinho com bota cano longo, ombreira, se acabou de chorar vendo E.T. e foi à praia do Pepino. E assistiu Xuxa, consumiu Xuxa, quis ir ao programa da Xuxa, ganhar a corrida do saco e mandar um beijo pra minha mãe, pro meu pai e pra você. [...] Definitivamente, ninguém havia me ensinado a ter medo dos meus desejos."[16]

> "Telefonema da irmã no final do expediente: 'Vai lá ver, se não acredita em mim.' Entrei numa van na Leopoldina e vim sacolejando só para ter certeza. Tive que dormir no motelzinho onde nunca trepei na adolescência porque eu dava em qualquer lugar, cemitério só amanhã de manhãzinha."[17]

> "Eu nunca vou escrever um conto. Sou incapaz de escrever um conto, meu caro editor! Acabo escrevendo o que vai me deixar constrangido daqui a dez minutos, eu e minha timidez de projeto. Sujeito à leitura peçonhenta de *scholars* cheiradores do rabo alheio." [18]

> "*Política* me acompanhou por quatro calorentos e solitários dias de março. Livro numa das mãos a outra entre as pernas, meu pau de plástico também entre as pernas, uma bisnaga de KY e um copo de água de coco sobre a mesa-de-cabeceira. O gato Menezes ao pé da cama. [...]
> Quando eu resolvi dar pro Adam, eu estava apenas pensando em mim.
> Quase ao final do livro, viciada, já me sentindo órfã da narrativa thirlwelliana, resolvo procurar no Google os outros títulos do autor."[19]

> " From: Roberta S.
> To: Cuenca / cuenca@corpopresente.com.br
> Date: 20/10/2004 04:05 PM
> Subject: A fã
> [*segue o texto de um e-mail enviado ao autor no conto*]
> Durante os meses que se seguiram ao lançamento do livro, recebi correspondência de todos os tipos."[20]

[16] PELLEGRINO, Antonia. 1983, in Prosas cariocas. Casa da Palavra, 1ª ed., 2004
[17] GIANNETTI, Cecília. Ilha debaixo da terra, in Prosas cariocas. Casa da Palavra, 1ª ed., 2004
[18] CUENCA, João Paulo. A casa do cachorro, in Paralelos. Agir, 1ª ed., 2004
[19] PELLEGRINO, Antonia. Estética, in Dentro de um livro. Casa da Palavra, 1ª ed., 2005
[20] CUENCA, João Paulo. No hay banda, in Dentro de um livro. Casa da Palavra, 1ª ed., 2005

Acredito, como já disse, que os excertos escolhidos ilustram e sintetizam bastante bem quase todos – senão todos – os aspectos ressaltados no decorrer dos itens 4 e 5 deste estudo. Assim, agora afigura-se importante compreender e isolar o *desenho* das trajetórias desses três autores no decorrer das compilações analisadas, para daí, tentar extrair alguma informação nova.

Embora isso não seja um fato conclusivo – pois é analisado, em certa medida, isoladamente –, estruturalmente, o desenvolvimento do trabalho desses autores sugere uma maior adaptação ao meio impresso, como se, a cada passo, eles pretendessem se aproximar mais de paradigmas tradicionais da literatura em meio impresso, tendo-os como norte.

A primeira questão a ser observada seria a extensão dos textos: em "Prosas cariocas" os textos de Giannetti, Pellegrino e Cuenca, têm entre três e cinco páginas; em "Paralelos", seus textos se apresentam com sete, três e três páginas, respectivamente; já em "Dentro de um livro", seus contos têm de onze a dezoito páginas. Portanto, há uma passagem de um formato ainda possível como publicação na rede para outro incomum – e talvez mesmo inviável – para difusão naquele meio. Por outro lado, se, em suporte impresso, os contos costumam ser maiores, há uma aproximação desse parâmetro.

Outra questão bem marcada diz respeito à construção da narrativa; se nas obras presentes nos dois primeiros livros os contos não apresentam uma narrativa *convencional* – entenda-se por convencional uma narrativa com *começo, meio e fim cronológicos*, não importando que apresentados em outra ordem – ou talvez até não apresentem algo que se possa denominar narrativa, em "Dentro de um livro" os relatos são montados de acordo com o paradigma clássico narrativo, vindo desde a Grécia antiga, de três atos – apresentação, desenvolvimento, conclusão –, e desenhados de maneira surpreendentemente linear, com curva dramática evidente. Dessa forma, mais uma vez, há uma caminhar dos paradigmas da publicação na internet para os da impressa.

Por outro lado há, na temática, um fator que permanece inalterado – igualmente inconclusivo por si só ao apontar na direção oposta, mas um indício concreto e observável – é a forma de exposição e contemplação do *eu*, o desnudamento do autor como personagem. Ainda que, é bem verdade, no conto de Cecília Giannetti, isso se restrinja ao tratamento com o personagem – que obviamente não é a autora –, à sua colocação no texto. Aqui, se não houve movimento em direção ao impresso, também não houve afastamento do que se vê na rede e em especial nos blogs.

7. **Perguntas**

Depois da apreciação cuidadosa dessas três antologias de contos de novos autores – principalmente –, bem como de outras obras diretamente relacionadas a elas, para seu melhor entendimento, chego a três indagações que me surgem como pertinentes nesse momento de amadurecimento da internet como meio de comunicação e de suporte literário.

Primeiro, tendo em vista a migração sugerida pelo mercado e pela disciplina da literatura – pelo menos até a total absorção e subseqüente controle da rede por meio destes – e a cristalização da necessidade de tal movimento dentro dos autores que, forçosamente ou não, começaram a publicar seus escritos na internet, pergunto: haveria, se se confirmar a progressão apontada no capítulo anterior em sua sedimentação no impresso, a necessidade e a vontade dos autores de tornar válida, reconhecida, lucrativa e literária a pura contemplação de seus *eus*? Ou tal ofício já seria, a priori, literário e apenas careceria de validação e reconhecimento de que ainda não disporia por ter surgido em um novo suporte comunicacional, que o teria possibilitado?

Em seguida, lembrando Foucault ("pede-se que o autor preste contas da unidade do texto posta sob seu nome"), pergunto: será que, devido a uma necessidade disciplinar, ritualística e mercadológica, para que se pudesse autorgar aos autores vindos da internet uma responsabilidade por seus textos e lhes conceder o título de *escritores* – com direito à sabatina diante do *ídolo-livro* –, foram idealizadas essas antologias? Como amparos até que os autores assimilassem a *verdadeira literatura* e estivessem prontos para sair de suas crisálidas virtuais? Como rodinhas para crianças que aprendem a andar de bicicleta? Não passaria tudo, então, de uma mecanismo de apropriação da disciplina de tudo aquilo que ela ainda não domina integralmente?

E, finalmente: será o que leva os autores a fazer a migração uma necessidade de se firmar profissionalmente – e, talvez, financeiramente, por mais difícil que isso possa ser –, uma necessidade de se estender à vida e, de alguma forma, permanecer, ou apenas a necessidade de validação pela validação, de certificação do que escrevem e de reconhecimento e fruição em vida do *status* de escritor?

Observando com método todo esse processo – que, por enquanto, somente se inicia e do qual somos testemunhas – e seu desenrolar até uma posição mais sólida, se

esta for possível e vier de fato, espero que estas perguntas possam, um dia, ter respostas concretas.

8. **Bibliografia**

AVERBUCK, Clarah (2002). *Das coisas esquecidas atrás da estante.* RJ: 7Letras.
_____ (2004). *Vida de gato.* SP: Planeta.
CUENCA, João Paulo (2003). *Corpo Presente.* SP: Planeta.
DELEUZE, Gilles (1992). *Conversações 1972 –1990*. SP: Editora 34, tradução de Peter Pál Pelbart.
FOUCAULT, Michel (1992). *O que é um autor?*. Lisboa: Vega, tradução de Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro.
_____ (2001). *A ordem do discurso*. SP: Loyola, tradução de Laura de Almeida Sampaio.
FREIRE, Marcelino (1995). *AcRústico*. SP: Edição do autor.
_____ (2000). *Angu de sangue*. SP: Ateliê Editorial.
_____ (2002). *EraOdito.* SP: Ateliê Editorial.
_____ (2003). *Balé ralé*. SP: Ateliê Editorial.
_____ [organizador] (2004). *Os cem menores contos brasileiros do século*. SP: Ateliê Editorial.
GARCIA-ROZA, Lívia [organizadora] (2003). *Ficções fraternas*. RJ: Record.
LEITE, Ivana Arruda (1997). *Histórias da mulher do fim do século*. SP: Hacker.
_____ (2002). *Falo de mulher*. SP: Ateliê Editorial.
_____ (2004). *Eu te darei o céu e outras promessas dos anos 60*. SP: Editora 34.
_____(2005). *Ao homem que não me quis*. SP: Agir.
MOUTINHO, Marcelo, IZHAKI, Flávio [organizadores] (2004). *Prosas cariocas*. RJ: Casa da Palavra.
NIELSEN, Jakob (2000). *Designing Web Usability: The Practice of Simplicity.* Indianapolis: New Riders Publishing.
_____ (1997). *Be succinct! (Writing for the Web)*. http://www.useit.com /alertbox/9703b.html
RUFFATO, Luiz [organizador] (2004). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. RJ: Record.
SÁ, Xico (2004). *A divina comédia da fama*. SP:Objetiva.
SÁ, Xico (2003). *Modos de macho e modinhas de fêmea*. RJ: Record.
SALES, Augusto, GONÇALVES, Jaime [organizadores] (2004). *Paralelos*. RJ: Agir.
[organizador anônimo] (2005). *Diante de um livro*. RJ: Casa da Palavra.
SCHITTINE, Denise (2004) *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. RJ: Civilização Brasileira.
TERRON, Joca Reiners (1998). *Eletroencefalodrama*. SP: Ciência do Acidente.
_____ (2001). *Não há nada lá*. SP: Ciência do Acidente.
_____(2002). *Animal anônimo*. SP: Ciência do Acidente.
_____(2003). *Hotel hell*. RS: Livros do Mal.
_____(2003). *Curva de rio sujo.* SP: Planeta.
VIDAL, Paloma (2003). *A duas mãos*. RJ: 7 Letras

Blogs e Revistas Eletrônicas

ARGUMENTO [revista eletrônica] http://www.argumento.net
AVERBUCK, Clarah. *Brazileira preta.* http://www.brazileirapreta.blogspot.com [blog]
BESTIÁRIO [revista eletrônica] http://www.bestiario.com.br
BLOGAUTORES [blog coletivo] http://www.gardenal.org/blogautores
CARDOSONLINE [revista eletrônica] http://www.cardosonline.com.br
CARDOSO. *Tripas nelas tudo*. http://www.insanus.org/cardoso [blog]
CORADELLO, Mara. *O caderno branco de Mora Mey*. http://www.cadernobranco.blogger.com.br [blog]
CUENCA, João Paulo. *Corpo presente.* http://www.carmencarmen.blogger.com.br [blog]
DINIZ, Ligia. *O passo que se apressa*. http://opassoapressa.blogspot.com [blog]
FREIRE, Marcelino. *EraOdito.* http://www.eraodito.blogspot.com [blog]
GIANNETTI, Cecília. *Escrevescreve.* http://www.escrevescreve.blogger.com.br [blog]
GUERRA, Ana Beatriz. *Segunda vista.* http://www.segundavista.blogger.com.br [blog]
IZHAKI, Flávio. *Bohemias*. http://www.bohemias.blogspot.com [blog]
LEITE, Ivana Arruda. *Doidivana*. http://www.doidivana.zip.net [blog]
MOUTINHO, Marcelo. Pentímetro. http://pentimento.zip.net [blog]
NAZARIAN, Santiago. *Santiago Nazarian*. http://santiagonazarian.blogspot.com [blog]
PARALELOS [revista eletrônica] http://www.paralelos.org
PELLEGRINO, Antonia. *Inveja de gato.* http://www.invejadegato.blogger.com.br [blog]
SÁ, Xico. *Carapuceiro*. http://www.carapuceiro.zip.net [blog]
SLADE, Francisco. *Seu dinheiro de volta!*. http://seudinheirodevolta.blogspot.com [blog]
TERRON, Joca Reiners. *Hotel hell*. http://www.hellhotel.blogger.com.br [blog]
VIDAL, Paloma. *Quem tem asas*. http://quemtemasas.blogger.com.br [blog]

***